

Correspondentes em Jerusalém: o trabalho de reportagem no centro do conflito israelo-palestino¹

Nathalia Almeida VIANNA²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O Oriente Médio ocupa um espaço central na geopolítica atual. Do ponto de vista jornalístico, a região também se destaca por ter a maior concentração de profissionais da imprensa do mundo. Ainda assim, há no Brasil grande carência de material sobre o trabalho dos correspondentes internacionais – de brasileiros, inclusive – na área, o que é apenas um aspecto da escassa bibliografia, no país, sobre os correspondentes de guerra. Desta maneira, foi útil e oportuno investir nesta área pouco explorada. Para a elaboração deste livro-reportagem, viajei até Israel e realizei entrevistas presenciais com cinco correspondentes de diferentes nacionalidades e religiões. A partir delas, pude refletir sobre questões cruciais e particulares de quem exerce jornalismo em um ambiente de conflito armado prolongado, como Israel e os territórios palestinos.

PALAVRAS-CHAVE: correspondentes; guerra; jornalismo internacional; Israel; Palestina.

1 INTRODUÇÃO

Quando estava na metade do meu curso de graduação na UFF, fui agraciada com uma bolsa de estudos e tive a oportunidade de estudar na Espanha, através de um convênio bilateral oferecido pela universidade. A experiência foi extremamente rica e, no que diz respeito a este trabalho, foi determinante. Uma das matérias em que me inscrevi foi a de Jornalismo Internacional, ministrada pelo correspondente da agência de notícias espanhola EFE Fernando Prieto, que havia sido correspondente de guerra no Kwait e no Afeganistão, entre outros. Além de ter ampliado meu conhecimento sobre a geopolítica atual, sua experiência e seus relatos sobre as guerras aumentaram ainda mais meu desejo por entender melhor o mundo árabe.

Ao me aproximar do fim do curso e ter que decidir qual seria o tema de meu projeto experimental, outra oportunidade única se apresentou: visitar Israel, onde tenho parentes que, então, ainda não conhecia. Prontamente estabeleci um plano de viagem que contemplasse esse projeto e busquei estabelecer os contatos necessários para a realização das entrevistas e a ida aos locais de conflito. Com o incentivo de colegas de profissão da

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso)

² Aluno líder do grupo e recém-formado do Curso de jornalismo, email: nathaliaalmeidavianna@gmail.com.

TV Globo, onde estagiava, e de minha orientadora, em agosto de 2011 fui até Israel com valiosas diretrizes que me auxiliaram a entrevistar correspondentes internacionais no Oriente Médio.

2 OBJETIVO

Contribuir para reduzir a carência de fontes sobre jornalismo internacional no país, especialmente no que diz respeito ao trabalho do correspondente. Reunir um conjunto de relatos desses profissionais que ofereçam elementos para reflexão sobre questões como a particularidade desse trabalho de reportagem no Oriente Médio, a necessidade de proteger as fontes, as possíveis dificuldades para se contar uma história – a questão do idioma, dos intérpretes, do aproveitamento do material produzido pela imprensa local – e a necessidade de evitar os preconceitos comuns a quem chega à região.

3 JUSTIFICATIVA

A falta de material sobre o tema é a principal justificativa, porque permite expor aspectos desconhecidos do público brasileiro sobre o trabalho dos correspondentes na região. Trata-se, ainda, de uma oportunidade para refletir sobre as particularidades da produção jornalística de correspondentes internacionais e de guerra, especialmente no Oriente Médio.

Exatamente por haver uma deficiência bibliográfica tão grande sobre este tema no Brasil, enxergo neste trabalho a oportunidade de contribuir expressivamente para o desenvolvimento do estudo sobre a correspondência internacional de guerra, especialmente por incluir jornalistas brasileiros como fontes importantes.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A opção pela viagem se deu pela única e valiosa oportunidade de realizar as entrevistas pessoalmente. A pesquisa para este trabalho revelou a escassez de fontes para consulta. No Brasil, importantes referências sobre o tema são os trabalhos de SANTANA (2001), sobre os correspondentes da imprensa brasileira no exterior, e AGUIAR (2008), sobre o uso das novas tecnologias como possibilidade de uma cobertura alternativa à oferecida pelas tradicionais agências de notícias. É interessante avaliar que ambos são trabalhos de conclusão de curso, o que evidencia a necessidade de uma maior atenção ao assunto no país.

Busquei fontes variadas para tratar teoricamente do trabalho do correspondente internacional (por exemplo, ALLAN e ZELIZER, 2004; HESS, 1996; KUHN, 2005; NATALI, 2007) e consultei relatos de jornalistas brasileiros (RIBEIRO, 2005; ROSSI 1999) e estrangeiros (SANTOS, 2002; FINO, 2003; FISK, 2005) que trabalharam nessa condição. O livro de Fisk foi de particular importância, dado que se trata de um premiado correspondente internacional, que discute a abordagem ocidental e israelense sobre as questões do Oriente Médio.

A opção por investir em uma grande reportagem com entrevistas presenciais se deu quase que por uma obrigação ética jornalística de buscar ser o mais profunda e fidedigna possível na apuração e reprodução destes inéditos relatos. A tecnologia digital facilita a obtenção de informações através da internet, mas acaba esvaziando a importância do contato pessoal entre fonte e repórter. Impossível mensurar o valor do olhar, dos momentos de silêncio e reflexão, da receptividade e atenção que disseram muito sobre a personalidade de cada um dos entrevistados. Até mesmo do ponto de vista prático, a impessoalidade de uma entrevista por e-mail reduz danosamente a expressão de emoções, tão importante para este trabalho.

O planejamento da viagem começou muitos meses antes, com o estudo de um cronograma que atendesse à minha demanda de ir e voltar com as entrevistas e ter tempo hábil para transcrevê-las, analisá-las e ajustá-las ao projeto do livro. Foi preciso ainda um minucioso planejamento dos contatos com as fontes e a preparação para as entrevistas. Ainda no Brasil, em abril de 2011, entrei em contato com o colega de trabalho e então correspondente da TV Globo em Israel Ari Peixoto. Contudo, pouquíssimo tempo depois desse primeiro contato, houve muitas mudanças na área e fui informada de que o posto no Oriente Médio seria assumido pelo então correspondente para a América Latina, Carlos de Lannoy. Assim, fiz novo contato e novo acordo de cooperação. A partir dele, foi possível chegar a outros correspondentes: o brasileiro Marcelo Nínio – que entrevistei junto com de Lannoy –, o francês Stephan Anwar, correspondente da Swiss TV, e o israelense Shlomi Eldar, repórter especial do Canal 10 de Israel, na Faixa de Gaza, onde ficou por quase uma década até o bloqueio das fronteiras com os territórios palestinos, há quatro anos. Por fim, consegui contato com o correspondente português Henrique Cymerman, um dos maiores especialistas no conflito árabe-israelense e autor do livro *Vozes no centro do mundo* (CYMERMAN, 2011), que reúne uma série de memoráveis entrevistas com os principais

atores desta guerra. Apesar de sua agenda cheia de compromissos, ele teve a gentileza de me atender pessoalmente.

Outro importante ponto na minha preparação foi a formulação das perguntas-base das entrevistas. A fim de obter um parâmetro comparativo, decidi fazer as mesmas perguntas para todos os entrevistados, com a possibilidade, claro, de desdobramentos durante as conversas. Esta opção se provou muito útil e interessante, pois destacou as disparidades de opinião, próprias das características pessoais de cada um dos entrevistados que possuíam nacionalidade, religião, idade e formação bem distintas. O intuito era poder chegar a um painel, ainda que preliminar, sobre a diversidade de aspectos envolvidos na cobertura do conflito árabe-israelense e suas possíveis ramificações para outras partes do Oriente Médio, visto que estes profissionais atendem a uma vasta área que compreende vários outros países árabes como Egito, Turquia, Iraque, Irã e Afeganistão, cada vez com mais destaque na imprensa internacional.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Trata-se de um livro-reportagem que reúne entrevistas com correspondentes brasileiros e estrangeiros no Oriente Médio, que refletem sobre as suas condições de trabalho, as dificuldades próprias do exercício profissional numa região em permanente tensão, as tentativas de desfazer estereótipos e o prazer de participar, como testemunhas, de momentos fundamentais da história contemporânea. As entrevistas são precedidas por uma abordagem que contextualiza o tema – as origens do conflito israelo-palestino e o trabalho do correspondente internacional.

6 CONSIDERAÇÕES

As entrevistas suscitaram uma série de questões além do relato sobre a cobertura na região. Reforçaram a necessidade de nos debruçarmos sobre o trabalho particular de brasileiros neste tema que é a correspondência internacional, sobretudo de guerra, que é mais rara. Por não haver uma tradição de cobertura da própria editoria internacional, seu trabalho fica muito mais restrito ao conflito e seus aspectos factuais violentos, o que, por vezes, acaba por construir uma ideia equivocada de que os ataques e batalhas representam o cotidiano de toda aquela região. Os demais entrevistados também apontaram esta dificuldade, mas para os brasileiros, de maneira mais desafiadora, mostra-se um grande exercício de criatividade e

persistência fugir da temática violenta e conseguir ter sucesso em explicar como é a vida dos israelenses e palestinos comuns.

Outra fragilidade está na necessidade de se usar intérpretes. Novamente de maneira particular, o correspondente para o Oriente Médio é mais exigido, porque precisa, necessariamente, dominar dois idiomas e alfabetos totalmente distintos entre si e da sua língua materna ocidental: o hebraico e o árabe, o que por si só já é complicado por conterem muitas variações e dialetos. Existe ainda a dificuldade em acompanhar a imprensa local, que abastece o trabalho do correspondente com informações fora do circuito das agências de notícias.

As entrevistas deixaram clara, também, a preocupação dos jornalistas para evitar preconceitos em relação a esse mundo que lhes cabe reportar, e que frequentemente implica conflitos com os próprios editores, distantes do local de cobertura.

Em suma, este trabalho reúne depoimentos que ajudam a refletir sobre as condições e contradições da prática da reportagem numa região historicamente conflagrada e de decisiva relevância na geopolítica mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Pedro Aguiar. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio/Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

ALLAN, Stuart e ZELIZER, Barbie. **Report war: journalism in wartime**. Londres: Routledge, 2004.

CYMERMAN, Henrique. **Vozes no centro do mundo**. São Paulo: Almedina, 2011.

FILKINS, Dexter. **Guerra sem fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FINO, Carlos. **A guerra em directo**. Lisboa: Verbo, 2003.

FISK, Robert. **A grande guerra pela civilização: a conquista do Oriente Médio**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

HESS, Stephen. **International news and foreign correspondents**. Washington: Brookings, 1996.

KUHN, Adriana. **A história dos correspondentes brasileiros de guerra e sua relação com o poder estatal e militar**. Dissertação de mestrado em Comunicação. Porto Alegre: PUC-RS, 2005.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2007.

RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objectiva, 2005.

ROSSI, Clóvis. **Enviado especial: 25 anos ao redor do mundo**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

SANTANA, Marcelle. **Os últimos românticos**. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo. Niterói: IACS/UFF, 2001

SANTOS, José Rodrigues dos. **A verdade sobre a guerra**. Lisboa: Gradiva, 2002.